

Abdias Nascimento no século XXI e o trânsito de suas obras e ideias nos circuitos da diversidade

Gilberto Alexandre Sobrinho

Resumo: *O artigo indaga sobre a presença tardia das obras artísticas de Abdias Nascimento em circuitos expositivos em São Paulo, a despeito de sua longa trajetória política e no universo da criação. Recentemente, seu nome vincula-se diretamente à formação e constituição dos circuitos da diversidade. Trata-se, assim, de refletir sobre a emergência um campo específico da produção cultural brasileira e de traçar eixos condutores de um debate que compreenda o lugar do artista negro nesse quadro demandado da diversidade.*

Abstract: *This article investigates the belated presence of Abdias Nascimento's artistic works in exhibition circuits in São Paulo, despite his long artistic and political trajectory. Recently, his name has been directly linked to the formation and constitution of the circuits of diversity. Therefore, it is a question of reflecting on an emerging specific field of Brazilian cultural production and drawing up guidelines for a debate that understands the place of Black artists in this demanding framework of diversity.*

Preâmbulo: os dissidentes, as efemérides e a disputa pela imagem na Avenida Paulista

Este artigo tensiona a recente produção cultural brasileira e busca contribuir para repensar em que termos se dá a democratização da ideia de cultura brasileira. Para isso, trago e problematizo situações concretas sobre os modos pelos quais se opera a centralidade recente de artistas negros em determinados circuitos expositivos. Início esta reflexão trazendo uma exposição-chave para pensar sobre essa presença atual desses artistas: trata-se da 'Ocupação Abdias Nascimento',¹ ocorrida de 17 de novembro de 2016 a 15 de janeiro de 2017, em uma grande sala de exposições do Itaú Cultural, em São Paulo. Ao evocar seu nome, propõe-se lidar com a falta, historicamente demarcada, em circuitos centrais de produção cultural ou currículos acadêmicos, do legado de negros na construção de projetos e de pensamentos emancipadores brasileiros, seja no campo sócio-político, seja artístico, a despeito de uma vasta produção que se constrói e se dissemina marginalmente. Isso permite olhar certos extratos da produção cultural brasileira, atentando, principalmente, para a inserção recente de artistas afro-brasileiros em lugares considerados de prestígio e o nome de Abdias Nascimento, recentemente, aparece estrategicamente nessa nova configuração.

As ocupações desse centro cultural são, geralmente, instrutivas e muito criativas, e buscam apresentar a um público heterogêneo a obra de artistas, intelectuais, profissionais liberais e acadêmicos de vários campos do saber. Trechos de notícias de

¹ <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/> (Acessado: 17 fevereiro 2024)

jornais, fotografias, monitores de TV com imagens de arquivo, objetos pessoais, tudo isso sobre as várias faces de Abdias e também suas pinturas, entre outros materiais, compunham, assim, os materiais da Ocupação. Iniciadas em 2009, Abdias era a quarta personalidade negra a ser tematizada, depois dos músicos Chico Science, Dona Ivone Lara e Cartola.² Na Ocupação em tela, havia o destaque desse sujeito multivocado como dramaturgo, diretor de teatro, pintor, ativista, entre outras atividades. Não era a primeira vez que se reuniam tantos artefatos que narravam uma rica trajetória política e artística. O IPEAFRO – Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros³, fundado pelo casal Abdias e Elisa Nascimento nos anos 1980, e que mantém sua obra, tinha executado complexas exposições no Rio de Janeiro e na Bahia,⁴ por exemplo. Tais eventos foram solenemente ignorados pela crítica especializada. O que se desdobrou dessa Ocupação foi disparador de uma circulação até então, inédita, seja pelos lugares que acolheram essas obras, seja por processos curatoriais que passaram a considerar o artista e sua obra.

Voltemos à Avenida Paulista, em 2016. Nesse mesmo momento da Ocupação ocorria no mesmo prédio, de 10 de dezembro de 2016 a 29 de janeiro de 2017, a

² Lista completa das ocupações: <https://ocupacao.icnetworks.org/ocupacao/> (Acessado: 20 fevereiro 2024).

³ O IPEAFRO foi criado em 1981, por Abdias Nascimento e Elisa Larkin Nascimento, após o retorno do casal ao Brasil, depois de mais de uma década de docência, ativismo e atividades artísticas nos Estados Unidos. O IPEAFRO, inicialmente sediado na PUC-SP, hoje tem sede própria no Rio de Janeiro. O acervo documental e artístico de Abdias Nascimento está em sua sede que realiza atividades curatoriais e educativas, entre outras, a partir do legado de Abdias.

⁴ Tomemos como exemplo as exposições *Abdias Nascimento Memória Viva*, Caixa Cultural Salvador, Salvador, 2006; e *África-Brasil, Ancestralidade e Expressões Contemporâneas*, Centro Cultural Justiça Federal, Rio de Janeiro, 2011.

exposição emblemática ‘Diálogos Ausentes’.⁵ O título derivava de um programa de depoimentos e debates públicos homônimo, conforme elucidada a própria instituição:

Diálogos Ausentes – tanto a série quanto esta exposição – surgiu em decorrência de um episódio que, em maio de 2015, impeliu o Itaú Cultural a dar mais atenção aos efeitos de uma mazela estrutural da sociedade brasileira: o racismo. Incluída na programação teatral que o instituto havia elaborado para aquele mês, a peça *A Mulher do Trem*, da companhia paulista Os Fofos Encenam, gerou uma onda de protestos nas redes sociais por adotar o uso da *blackface* – maquiagem da qual atores brancos lançam mão para interpretar, de forma caricata, personagens afrodescendentes. Diante da questão, o Itaú Cultural decidiu substituir a exibição do espetáculo por um debate sobre a representação do negro na arte – e, em seguida, criou o seu Comitê de Questões Raciais.

A exposição redefinia a ideia de arte contemporânea, por meio de manifestações artísticas expandidas nos campos das artes visuais, artes cênicas e cinema, todos trabalhos realizados por artistas negros brasileiros. Naquele momento, a jovem iniciante no campo das artes, Diane Lima,⁶ realizava a curadoria dos debates⁷ e exposição com Rosana Paulino, artista que já tinha repertório consolidado, embora com

⁵ Com curadoria de Diane Lima e Rosana Paulino, a mostra conta com obras assinadas por 15 artistas/grupos, sendo eles: Aline Motta, André Novais Oliveira, Ângelo Flávio, Capulanas Cia. de Arte Negra, Dalton Paula, Eneida Sanches, Fernanda Júlia, Juliana Vicente, Larissa Fulana de Tal, NEGR.A – Coletivo Negras Autoras, Renata Felinto, Sérgio Adriano, Sidney Amaral, Viviane Ferreira e Yasmin Thayná. <https://www.itaucultural.org.br/dialogos-ausentes-mostra> (Acessado: 18 fevereiro 2024).

⁶ Diane Lima iria, em 2023, juntar-se a outras duas pessoas negras, Grada Kilomba e Hélio Menezes, para compor a primeira formação majoritariamente afro-diaspórica da Bienal de São Paulo. Manuel Borja-Villel, homem branco, seria a quarta pessoa do coletivo de curadores.

⁷ Entre os convidados estavam Luedji Lima, Juçara Marçal, Maurício Tizumba, Tiganá Santana, Elisa Lucinda, Oswaldo de Camargo, Cidinha da Silva, Carmen Luz, Luciane Ramos Silva, Joel Zito Araújo, Ana Maria Gonçalves, entre outros. Os vídeos com os depoimentos e debates podem ser acessados.

https://www.youtube.com/playlist?list=PLaV4cVMp_odyLQQGpOkhVTmdTcFK2J76M (Acessado: 19 fevereiro 2024).

repercussão aquém da envergadura de seu trabalho. É importante assinalar que ali se reuniam nomes que se tornariam representativos na cena artística, com circulação nacional e internacional. Como exemplo, citemos o jovem André Novais Oliveira, cineasta e um dos sócios da produtora mineira Filmes de Plástico, um expoente do cinema negro brasileiro, com participação e premiação em festivais nacionais e internacionais. Naquela conjuntura, o espaço do centro cultural oferecia extratos da tradição e da contemporaneidade, desde o fundador do Teatro Experimental do Negro, Abdias Nascimento, até artistas, cujos trabalhos, realizados no século, XXI, redefiniram a noção de imagem artística no Brasil.

Não havia motivos para uma queima de fogos. A reflexão era séria e urgente, e tinha suas particularidades. O fato é que a peça de teatro *A mulher do trem*, do grupo Os Fofos Encenam, já estava 'na estrada' há mais de uma década, inclusive com prêmio Shell na estante.⁸ Nesse sentido, caberia a pergunta: que plateia frequentava essa peça e simplesmente aceitava silenciada o que via? No entanto, naquele momento, o barulho e o incômodo provocado pelas redes sociais, diante do *blackface*, um dispositivo de poder segregador de negros do prosscênio e também no cinema e na televisão, fizeram com que a instituição recuasse e promovesse uma discussão racial, impactando em sua política de programação, inclusive. Portanto, o clima de indignação e protesto articulado pelos usuários de redes sociais e também com a participação de bases militantes do movimento negro e a reunião subsequente de uma intelectualidade

⁸ <https://oglobo.globo.com/cultura/teatro/peca-em-sp-cancelada-para-dar-lugar-debate-sobre-uso-de-blackface-16056539> (Acessado: 20 fevereiro 2024)

negra, de diferentes gerações e campos artísticos, escancarava as tensões étnico-raciais presentes nos debates sobre arte e cultura no Brasil.

‘Diálogos Ausentes’ não pode ser visto como evento isolado, tampouco disparador de uma ‘revolução’. O fato é que se evidencia, no contexto de São Paulo e algumas de suas instituições culturais e museais de grande importância e influência, nas duas primeiras décadas do século XXI, a pauta contínua de inclusão e posicionamento artístico, a partir dos extratos afro-brasileiros e indígenas.⁹ Esse quadro da emergência dissidente para espaços centrais de arte também incluem revisão sobre mulheres e LGBTQ+, em uma onda multicultural, decolonial, feminista e *queer* contrastante com décadas anteriores.

Nessa onda revisionista, chama a atenção alguns eventos ocorridos no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – MASP. Desde 2016, o museu vem desenvolvendo uma série de exposições, que trazem por princípio a construção de políticas curatoriais que tensionem a história da arte em sua tradição e, ao mesmo tempo, promovam debates e tragam para as exposições um campo aberto de diversidade e inclusão. Sob a direção artística de Adriano Pedrosa¹⁰, principal curador do museu, uma equipe juntou-se a ele, no projeto que tem a ideia de *Histórias* como

⁹ Segue uma lista de algumas exposições coletivas, ocorridas em São Paulo, com essas características: “Territórios: Artistas Afrodescendentes no Acervo da Pinacoteca”, Pinacoteca do Estado de São Paulo (12/12/2015 a 17/04/2016); “Negros Índios”, Caixa Cultural São Paulo (07/10 a 17/12/2017); “Agora Somos Todxs Negrxs”, Galpão VB (01/09 a 16/12/2017) “Histórias Afro-atlânticas”, Instituto Tomie Ohtake e o MASP (28/06 a 21/10/2018); “Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros”, Instituto Moreira Salles – IMS (25/9/2021 a 3/4/2022); “Moquém Surarí: arte indígena contemporânea”, Museu de Arte Moderna (04/09 a 28/11/2021); “Dos Brasis: arte e pensamento negro”, Sesc Belenzinho (02/08/2023 a 31/03/2024), entre outras.

¹⁰ O grupo que assumiu em 2015, junto com a presidência de Heitor Martins, era composto por: Adriano Pedrosa (Diretor Artístico), Lilia Schwarcz (Curadora-adjunta de Histórias), Julia Bryan-Wilson (Curadora-adjunta de Arte Moderna e Contemporânea), Marcia Arcuri (Curadora-adjunta de Arte Pré-Colombiana), Maria Inês Rodríguez (Curadora-adjunta de Arte Moderna e Contemporânea), Sandra Benites (Curadora-adjunta de Arte Brasileira), Tomás Toledo (Curador-chefe), Fernando Oliva (Curador), Isabella Rjeille (Curadora), Amanda Carneiro (Curadora-assistente) e Matheus Andrade (Assistente de pesquisa).

principal motivo. Assim, surgiram as exposições: *Histórias da infância* (2016), *Histórias da sexualidade* (2017), *Histórias afro-atlânticas* (2018), *Histórias das mulheres* (2019), *Histórias feministas* (2019), *Histórias da dança* (2020), *Histórias brasileiras* (2022), *Histórias indígenas* (2023/2024). Desde sua concepção original, formação do acervo, desenvolvimento de exposições e, principalmente, sua instalação na Avenida Paulista, o MASP tem se apresentado como uma das instituições culturais que mais despertam atenção do público e da crítica, passando por gestões de diferentes inclinações e por propósitos que renovam seu espírito crítico vanguardista, herança do casal Lina Bo Bardi e Pietro Maria Bardi, que conceberam o projeto do museu e influenciaram, sobejamente, no seu destino artístico. De modo muito circunstancial, vale chamar a atenção para três momentos distintos na instituição, justamente em um momento recente de grande ebulição na vida pública brasileira, sendo seu entorno físico palco de muitas manifestações, palanques e protestos de acontecimentos turbulentos. Não se trata de forçar relações entre o campo da política e das políticas das instituições culturais. Mas se há agitação forte no campo da política, isso também é evidenciado em museus e centros culturais que vivenciaram turbulências variadas,¹¹ ao incorporarem e lidarem, com nunca antes, com artistas e obras que representam a diversidade étnico-racial, de gênero e sexualidade, entre outros marcadores. Voltando, os três momentos a que tinha me referido são: (1) a doação e a exposição do quadro *Okê Oxossi* (1970), de Abdias Nascimento, bem como a (2) exposição individual e retrospectiva de sua obra

¹¹ Dois episódios foram, particularmente, marcantes de posturas conservadoras e intolerantes que emergiram nesse século XXI: a exposição *Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* (2017), no Santander Cultural, em Porto Alegre, curadoria de Gaudêncio Fidelis, que foi cancelada; e no mesmo ano, as polêmicas de pedofilia infundadas na performance *La Bête*, do artista Wagner Schwartz, realizada no dia 26 de setembro, no Museu de Arte Moderna (MAM), localizado no Ibirapuera, na Zona Sul de São Paulo.

pictórica, no MASP, em 2022. Nesse mesmo ano, comento alguns acontecimentos em torno do núcleo curatorial (3) *Retomadas*, na exposição *Histórias Brasileiras*. Começemos por ela. Diz o texto curatorial sobre a exposição:¹²

Histórias brasileiras são histórias complexas, contraditórias, múltiplas, fragmentadas, incompletas. A exposição é apresentada no ano em que se completam 200 anos da Independência do Brasil e 100 anos da Semana de Arte Moderna. Mas são também os 100 anos da morte do escritor Lima Barreto, 100 anos do nascimento dos artistas Judith Lauand e Rubem Valentim. Além disso, há hoje uma intensa revisão das histórias do Brasil – expressa em livros, exposições, conferências, filmes e documentários. Quais são os temas, as narrativas, os eventos, e as personagens a serem celebrados, estudados e questionados neste longo e conflituoso processo? Quais têm sido esquecidos de maneira proposital?

A exposição seguia princípios revisionistas já apontados em outras *Histórias*. O objetivo era propor outros olhares sobre o acervo e acolher materiais de outras instituições e coleções com vistas a expandir horizontes conceituais e curatoriais. Tradição e ruptura, assim, estavam lado a lado no propósito de uma grande exposição, que coincidia com as efemérides destacadas. No plano nacional, os duzentos anos de Independência nacional não resultaram em comoção nacional. Houve, de fato, a rapto do feriado de 7 de setembro pelo então presidente, Jair Bolsonaro, que instigou os ‘patriotas’ e antecipou sua campanha (fracassada) para tentar a reeleição. Já a Semana de Arte Moderna, por exemplo, atingiu as plataformas digitais e os eventos

¹² <https://masp.org.br/exposicoes/historias-brasileiras> (Acessado: 23 fevereiro 2024).

acadêmicos, em releituras, revisões e celebrações. No MASP, *Histórias Brasileiras* trouxe um campo agudo de discussões, que permite leituras do passado e de caminhos abertos, para que se possa, inclusive, abarcar efemérides e também cotejar os modos pelos quais instituições poderosas e tradicionais lidam com imagens do dissenso.

Com mais de 400 objetos (pinturas, desenhos, esculturas, fotografias, vídeos, instalações, jornais, revistas, livros, documentos, bandeiras e mapas), a exposição foi dividida em oito núcleos categorizados por temas: Bandeiras e mapas; Paisagens e trópicos; Terra e território; Retomadas; Retratos; Rebeliões e revoltas; Mitos e ritos; e Festas. A polêmica em torno de acusação de censura,¹³ por parte de curadoras do núcleo *Retomada*, que alegaram interdição às fotografias de Edgar Kanaykô Xakriabá, André Vilaron e João Zinclar, sobre lutas indígenas e do MST, por parte da direção do MASP, deram o tom da contradição da exposição e trouxeram para a arena pública os limites institucionais da autoproclamada ‘abertura’, presente na concepção de *Histórias*. A polêmica ganhou espaços midiáticos e de redes sociais e apontou para as tensões em torno da disputa e do direito das imagens, considerando-se, sobretudo, as imagens dos sublevados do movimento social do MST e também da luta indígena. Feitas as negociações, o núcleo conseguiu apresentar seu projeto original, mas um debate público foi constituído e está registrado.¹⁴

Por outro lado, a obra pictórica de Abdias Nascimento (1914-2011) que, até recentemente, era completamente negligenciada e silenciada pela crítica especializada

¹³ “Masp veta fotos do MST e curadoras cancelam exposição”, <https://www.metropoles.com/brasil/masp-veta-fotos-do-mst-e-curadoras-cancelam-exposicao> (Acessado em 23/02/2024). “Confira as fotos e cartazes do MST que foram vetados de exposição do Masp”, <https://revistaforum.com.br/cultura/2022/5/14/confira-as-fotos-cartazes-do-mst-que-foram-vetados-de-exposio-do-masp-117370.html> (Acessado: 23 fevereiro 2024).

¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=FT8CF27OK-c&t=2415s> (Acessado: 23 fevereiro 2024).

ganhava, na segunda década do século XXI, poucos anos depois de sua morte, palco e importância, por atores que nunca tinham se manifestado sobre ela. Assim, depois da exposição de grande repercussão *Histórias Afro-atlânticas*, sua tela *Oke Oxossi* (que esteve na exposição) foi doada por Elisa Larkin Nascimento (IPEAFRO) e permanece exposta nos *Cavaletes de Cristal*, na exposição do acervo do MASP.

Em 2022, ocorreu no MASP a exposição *Abdias Nascimento: um artista panamefricano* (25/02 a 05/06 de 2022), com curadoria de Amanda Carneiro e Tomás Toledo. Seguramente, a maior exposição já dedicada a Abdias em São Paulo e poucos anos após à referida Ocupação. Na abertura da exposição, ainda sob as restrições da COVID-19, um pequeno grupo se reunia em uma cerimônia inter-religiosa¹⁵, organizada pelo IPEAFRO, comandada, inicialmente, pela Ialorixá Wanda de Oxum, em seu canto aos orixás. Como já enunciado, em diferentes momentos, as obras de Abdias já tinham sido expostas no Brasil, trabalho capitaneado, principalmente, pelo IPEAFRO. Algo começava a mudar. Assim, depois da Ocupação, em São Paulo, e antes do MASP, ocorreu uma grande exposição individual dedicada a Abdias, a primeira realizada em um museu com essas características, no Brasil: refiro-me à exposição *Abdias Nascimento: um espírito libertador*, com curadoria de Pablo Leon de La Barra e Raphael Fonseca, ocorrida de 13 de abril a 18 de agosto de 2019, no Museu de Arte Contemporânea, MAC, de Niterói. Outro ponto importante de inflexão nos trânsitos do legado de Abdias, foi a inclusão do Museu de Arte Negra – MAN (fundado pelo Teatro Experimental do Negro, nos anos 1950), juntamente com os acervo do próprio MAN e

¹⁵ Estavam também presentes: Ana Paula de Oliveira (católica), Pastor João Carlos (evangélica), Hajji Mongolin e Ketu Riahb (muçulmanos), rabino Alexandre Leone (judeu) e Vera Luz (budista).

do Acervo da Lage (Salvador) na exposição coletiva *A memória é uma invenção*¹⁶. Constatava-se, assim, a entrada e a circulação do pintor e de seu acervo num circuito nada alternativo, ao contrário.

Esses exemplos apontam para uma guinada surpreendente, em um curto intervalo, de um movimento rápido de tornar visível o que, até então, era fortemente negligenciado. À princípio, penso que estão postas questões inerentes às relações entre arte e política, do ponto de vista das tensões de classe, das disputas pelas imagens envolvendo movimentos sociais e debates étnico-raciais e as políticas curatoriais de instituições que, de alguma forma, passam a lidar com essas demandas. Isso conduz a reflexão ao que nomeio, provisoriamente, como a constituição, no plano cultural, do circuito da diversidade, pela chave do multiculturalismo e das relações entre instituições e políticas afirmativas. Nesse circuito, o nome Abdias Nascimento e seu legado passam a ‘existir’ e ser fortemente referendados. O interesse aqui, neste artigo, é estabelecer alguns parâmetros que organizem uma reflexão sobre esse impulso recente da circulação da obra e imagem de Abdias e as estratégias dos circuitos da diversidade. A seguir, proponho um pequeno retrospecto dos modos pelos quais se conduziram alguns debates e decisões, em nível nacional, para a formação desse circuito, do ponto de vista dos governos, legisladores, entre outros atores.

¹⁶ A memória é uma invenção, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, de 04/09/2021 a 06/02/2022, curadoria de Beatriz Lemos, Keyna Eleison e Pablo Lafuente.

A formação dos circuitos da diversidade

Santos (2014) traz uma radiografia crítica bastante completa sobre as ações afirmativas nos governos FHC e Lula. Conforme indicado a seguir, é no governo petista de Dilma Rousseff que, de fato, legislações e políticas públicas voltadas para a diversidade serão adotadas com mais ímpeto. Esse autor traz um levantamento de uma trama discursiva interessante do governo FHC para o que se entende como o encaminhamento para mudança de paradigmas sobre a questão racial, que sai, gradativamente, da defesa da democracia racial, para, primeiramente, o reconhecimento da discriminação que atinge a população negra. No segundo ano de seu governo, aconteceu em 20 de novembro de 1996, a “Marcha Zumbi dos Palmares contra o racismo, pela cidadania e a vida” (Imagem 1), reunindo cerca de 30.000 pessoas, em Brasília. Trata-se de um evento marcante para a defesa de pautas raciais da população negra. Naquele momento, foi entregue e recebido pelo presidente da república, o “Programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial”, logo em seguida, no mesmo dia, foi criado o “Grupo de Trabalho Interministerial para Valorização da População Negra (GTI)”.



Imagem 1: Marcha Zumbi dos Palmares, Foto: Fernando Cruz / Acervo CSBH/FPA

Durante a abertura do Seminário Internacional “Multiculturalismo e racismo: o papel da ação afirmativa nos estados democráticos contemporâneos”¹⁷, ocorrido em Brasília, em 02 de julho de 1996, Fernando Henrique Cardoso, ofereceu, pela primeira vez, no âmbito de um chefe de estado brasileiro, esta declaração, que reconhece e explicita a discriminação racial, no Brasil:

A discriminação como que se consolida em termos de alguma coisa que se repete, que se reproduz. E aí não dá para o hipócrita também dizer: “Não, o nosso jeito não é esse.” Não, o nosso jeito está errado mesmo, há uma repetição de discriminações, há uma área muito dura na inaceitabilidade do preconceito. Isso tem que ser desmascarado, tem que ser, realmente, contra-atacado, não só em termos verbais, como em termos de mecanismos e de processos que possam levar a uma

¹⁷ <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/fernando-henrique-cardoso/discursos/10-mandato/1996-1/02.pdf/view> (Acessado: 28 fevereiro 2024)

transformação na direção de uma relação mais democrática entre as raças e entre os grupos sociais, entre as classes. Tudo isso tem que ser feito. (Cardoso, 1996, 50-51).

No entanto, embora a acolhida do documento reivindicatório tenha acontecido e houve respostas e falas públicas contundentes sobre o estado de discriminação e desigualdade motivados por marcadores raciais, poucos avanços ocorreram durante a gestão tucana, sendo que podemos destacar que essas iniciativas pertencem mais ao campo simbólico, ao passo que mudanças estruturais ficaram a desejar.

O século XXI começou com a chegada ao poder de Lula e do Partido dos Trabalhadores que, após dois mandatos, elegeria a primeira mulher à Presidência da República, Dilma Rousseff. Nos governos petistas, questões étnico-raciais e de gênero e sexualidade avançaram na legislação, gestão e reconhecimento das necessidades educativas, artístico-culturais, protetivas e de direitos humanos. Sinalizou-se, desse modo, um campo amplo de políticas de diversidade, que foram implementadas, impactaram na vida social e, também, foram objeto de contestação e resistência. Logo no primeiro ano de mandato de Lula, em 2003, foram criadas a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) e a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM/PR). Ainda no primeiro ano de mandato, foi promulgada a Lei 10.639, que tornou obrigatório o ensino de "História e Cultura Afro-Brasileira" nas escolas. Outros avanços no âmbito da legislação: a Lei 11.340, de 07 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), foi aprovada para "coibir e prevenir a

violência doméstica e familiar contra a mulher”;¹⁸ a Lei 12.288, de 20 de julho de 2010, que instituiu o “Estatuto da Igualdade Racial”, que no Inciso I, do Artigo Primeiro, enuncia: “discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada”; em 2012, Dilma Rousseff sancionou a Lei de Cotas Raciais e Sociais (12.711), ratificada sua constitucionalidade pelo Superior Tribunal Federal, em que se assegura que “as universidades públicas federais e os institutos técnicos federais reservem, no mínimo, 50% das vagas para estudantes que tenham cursado todo o ensino médio em escolas da rede pública, com distribuição das vagas entre negros, pardos ou indígenas.”¹⁹; e em 2015, a Lei 13.104, de 09 de março de 2015, incluía o feminicídio, entre os crimes hediondos²⁰. No plano da cultura, destaco os seguintes editais, para o setor cinematográfico: Edital Curta Afirmativo (2012), Edital Carmen Santos de Cinema de Mulheres (2013; 2017), Edital Curta Afirmativo de Cineastas Afro-Brasileiros na Produção Audiovisual Nacional (2014), Edital Longa Baixo Orçamento Afirmativo (2016), entre outros. Importante destacar que esses avanços nas políticas públicas e, principalmente, na legislação, decorrem de décadas anteriores de lutas e reivindicações

¹⁸ https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm (Acessado: 24 fevereiro 2024).

¹⁹ https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/area-imprensa/ultimas_noticias/2012/08/30-08-presidenta-dilma-sanciona-lei-de-cotas-raciais-e-sociais-em-universidades-e-institutos-tecnicos-federais#:~:text=A%20lei%20prev%C3%AA%20que%20as,entre%20negros%2C%20pardos%20ou%20ind%C3%A9genas (Acessado: 24 fevereiro 2024).

²⁰ https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm (Acessado: 24 fevereiro 2024).

de movimentos sociais e de partidos políticos, matizados pela Constituição Cidadã de 1988. Assim, por exemplo, já em 1989, a Lei 7.716 (Lei de Crime Racial) já reconhecia o racismo como crime.²¹

No entanto, nem tudo eram/são rosas. Em 2006, num momento anterior à aprovação da Lei de Cotas e do Estatuto da Igualdade Racial, em que instituições de ensino superior como a UERJ e a UNB já realizavam políticas de cotas para ingressantes na graduação, testemunhou-se forte mobilização por parte de acadêmicos de universidades públicas como UFRJ, PUC-RJ, USP, UNESP e UNICAMP, além de artistas e jornalistas, entre outras personalidades, que, por meio de manifesto e abaixo-assinado, se insurgiram contra, até então, os projetos de lei PL 73/1999 (PL das Cotas) e o PL 3.198/2000 (PL do Estatuto da Igualdade Racial).²² As reações contrárias às políticas afirmativas, em vários setores, seguiram-se, principalmente em grandes conglomerados midiáticos. Embora, avanços progressistas se confirmem, as denúncias de corrupção, sobretudo levados a cabo pela Operação Lava Jato, tornaram a imagem do PT bastante arruinada, publicamente. Enfim, foi uma década tumultuada e entre os eventos ocorridos recentemente, podemos também citar as Jornadas de Junho de 2013, o golpe parlamentar e o impeachment contra Dilma Rousseff, a ascensão da extrema direita e a eleição de Jair Bolsonaro e a volta do PT à presidência, com Lula novamente no poder.

²¹ Em 2023, uma das primeiras decisões do terceiro mandato do presidente Lula foi sancionar a Lei 14.532/2023, que equipara a injúria racial ao crime de racismo.

²² O texto-manifesto, seus argumentos e a lista dos signatários podem ser acessados em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/a-integra-do-manifesto-contras-cotas-raciais/> (Acessado: 24 fevereiro 2024)

Portanto, em um cenário de avanços em políticas afirmativas, em vários setores da vida social, e das resistências, contestações e desconfianças por parte de grupos conservadores, vivemos a era recente da diversidade no país. Avanços que preconizam inclusão e diversidade por um lado, movimentos de refluxo e conservadorismo, do outro. Desse modo, instituições culturais também se pautaram por esses lados e instauram o que nomeio como o circuito da diversidade. É nesse contexto que o nome e a obra de Abdias Nascimento começou a circular de maneira mais frequente, ocupando espaços que, até então, não tinham dado importância para o seu legado artístico, a despeito de ser uma personalidade fortemente conhecida.

A imagem de Abdias Nascimento

Abdias completou 67 anos quando regressou ao Brasil, em 1981, depois do autoexílio estadunidense, iniciado em 1968. No começo dos anos 1980, ainda sob a Ditadura Militar e no contexto da abertura política, ele reaparecia com bastante frequência na cena pública e política, à frente das agitações, protestos e reivindicações do movimento negro. Alguns anos antes, no contexto dos questionamentos dos 90 anos de fim da escravidão, em 1978, era o Movimento Negro Unificado – MNU que irrompia como movimento social articulador, em defesa dos direitos e da cidadania plena da população negra e ele era um de seus articuladores. Dos anos 1980 até sua morte, aos 97 anos, em 2011, foram décadas de luta política, ao mesmo tempo que ocupou cargos legislativos e de gestão pública. Entre tantas homenagens e reconhecimento, recebeu em 2004, do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a mais alta

honraria outorgada pelo Governo do Brasil, a Ordem do Rio Branco no Grau de Comendador.

Seu perfil é múltiplo. Desse modo, há, primeiramente, o artista de teatro, que esteve à frente do Teatro Experimental do Negro (Martins, 2023; Nascimento, 2003; Alexandre Sobrinho, 2023), experiência teatral única, no Brasil, que formou uma geração de atores e atrizes negras, levou ao prosscênio peças de teatro totalmente voltadas à questão racial, e também trouxe autores negros, entre os quais, o próprio Abdias Nascimento, cuja peça *Sortilégio (Mistério Negro)*, de 1951, é um marco do teatro negro brasileiro. O TEN durou de 1944 a 1968. Suas atividades incluíam também um extenso programa de educação e profissionalização da população negra, bem como defendeu programas destinados a mulheres, demonstrando preocupação e compromisso com as questões de gênero (por exemplo, o Congresso Nacional das Mulheres Negras, em 1950). O jornal *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, foi publicado de 1948 a 1950, num total de 10 números. Na edição 01, o texto editorial de Abdias afirmava a missão do jornal: “O reconhecimento do homem negro e seus direitos”, “lembrar ou dar a conhecer ao homem negro seus direitos à vida e à cultura”. Em suma, centralizado por Abdias, em nome do TEN, o jornal foi ponto de encontro das ideias de intelectuais como Guerreiro Ramos, Nelson Rodrigues, Raquel de Queiroz, entre outros. Também abordou questões femininas, como na coluna *Fala a mulher*, de Maria Nascimento, com textos direcionados às mulheres negras, sobre temas variados, sempre pontuados pela luta antirracista. O jornal funcionou ainda como espaço privilegiado para reportar a atividade teatral do TEN, incluía notícias e

reportagens sobre o cinema nacional e estrangeiro na perspectiva racial e, com grande destaque, tornou-se um dos principais espaços de debate sobre democracia racial e consciência negra.

Outro dado extremamente relevante, que deflagra as atividades do TEN como parte dos movimentos socialmente organizados dos negros, foram as ações políticas em que se testemunha a luta por reparação histórica, ainda na primeira metade do século XX. Nesse sentido, citemos, por ora, a participação no Comitê Democrático Afro-brasileiro (1944),²³ que atuou politicamente junto à Convenção Nacional do Negro, ocorrida em 1945, em São Paulo, e em 1946, no Rio de Janeiro. Como desdobramento da Convenção, chega-se ao Manifesto à Nação (Imagem 2), divulgado pela imprensa.²⁴ Neste Manifesto,²⁵ encontram-se aprovadas reivindicações que se antecipam lutas por direitos e o que, posteriormente, compreendem-se como políticas sociais afirmativas, presentes nas pautas dos movimentos sociais.

²³ Estabelecido no Rio de Janeiro, em 1944, com a participação de Abdias Nascimento, Aguinaldo Camargo e Sebastião Rodrigues Alves, o Comitê Democrático Afro-Brasileiro “defendeu a convocação da Assembléia Constituinte, a Anistia e o fim do preconceito racial, entre dezenas de outros grupos dispersos pelo Brasil”. (Rodrigues, 2007, p. 110)

²⁴ <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/memoria-convencao-nacional-do-negro-brasileiro-de-1945/> (Acessado: 10 fevereiro 2022).

²⁵ Foram signatários do Manifesto: Os ativistas eram: Francisco Lucrecio, tenente Francisco das Chagas Printes, Geraldo Campos de Oliveira, Salatiel dos Santos, José Bento Ângelo Abatayguara, Emílio Silva Araújo, Aguinaldo Oliveira Camargo, Sebastião Rodrigues Alves, Ernani Martins da Silva, Benedito Juvenal de Souza, Ruth Pinto de Souza, Luís Lobato, Nestor Borges, Manoel Vieira de Andrade, Sebastião Baptista Ramos, Benedito Custódio de Almeida, Paulo Morais, José Pompílio da Hora, René Noni, Sofia Campos Teixeira, Cilia Ambrósio, José Herbel e Walter José Cardoso (Nascimento, 1982, 60-61). As reivindicações aprovadas foram: 1- Que se torne explícita na Constituição de nosso país a referência à origem étnica do povo brasileiro, constituído das três raças fundamentais: a indígena, a negra e a branca; 2- Que se torne matéria de lei, na forma de crime de lesa-pátria, o preconceito de cor e de raça; 3- Que se torne matéria de lei penal o crime praticado nas bases do preceito acima, tanto nas empresas de caráter particular como nas sociedades civis e nas instituições de ordem pública e particular; 4- Enquanto não for tornado gratuito o ensino em todos os graus, sejam admitidos brasileiros negros com pensionistas do Estado, em todos os estabelecimentos particulares e oficiais de ensino secundário e superior do país, inclusive nos estabelecimentos militares; 5- Isenção de impostos e taxas, tanto federais como estaduais e municipais, a todos os brasileiros que desejarem se estabelecer em qualquer ramo comercial, industrial e agrícola, com capital superior a Cr\$ 20.000.00; 6- Considerar como problema urgente a adoção de medidas governamentais visando à elevação do nível econômico, cultural e social dos brasileiros.

Convenção Nacional do Negro Brasileiro

MANIFESTO À NAÇÃO

PATRICIOS NEGROS:

No momento em que todas as forças vivas da nação se arregimentam e se articulam em prol de sua redemocratização, impõe-se, como dever sagrado trazer-mos, num trabalho de conjunto eficiente e construtivo a nossa despretensiosa palavra de fé e a exposição daquelas reivindicações para as quais nos devemos aprestar. Nesse sentido, os negros do Brasil, reunidos em Convenção Nacional, examinaram, escrupulosa e detidamente, a sua situação atual, não somente em face de sua existência no passado, como, sobre tudo, das injunções do presente. Dessa análise verifica-se que mais do que nunca, no instante histórico que se vive, é imperioso realizemos um trabalho de unificação e coordenação de todos os nossos esforços e anseios para que o ideal da Abolição se torne hoje em dia e para o futuro uma realidade expressiva sob todos os títulos. É assim que urge formularmos princípios de reivindicações de direitos que, de fato, se nos foram outorgados por aquele magno acontecimento, não puderam, entretanto, ser concretizados em consequência das condições particulares em que se verificou e dos prejuízos decorrentes não só nos domínios de ordem econômica, como de ordem moral e espiritual.

Temos consciência de nossa valia no tempo e no espaço. O que nos faltou até hoje foi a coragem de nos utilizarmos dessa força por nós mesmos, e segundo a nossa orientação. Para tanto é mister, antes de mais nada, nos compenetrarmos, cada vez mais, de que devemos estar unidos a todo o preço, de que devemos ter o desassombro de ser, antes de tudo, negros, e como tais os únicos responsáveis por nossos destinos sem consentir que os mesmos sejam tutelados ou patrocinados por quem quer que seja. Não precisamos mais de consultar a ninguém para concluirmos da legitimidade dos nossos direitos, da realidade angustiosa de nossa situação e do acumplicimento de várias forças interessadas em nos menosprezar e condicionar, mesmo, até o nosso desaparecimento! Eis porque conclamamos a todos vós, políticos ou religiosos, para cerrardes sem distinção de sexo, idade, credo, fileiras em torno deste Grupo de Pioneiros que se propõe conseguir dos poderes competentes, por todos os meios lícitos e segundo os ditames da própria Consciência Nacional, as seguintes reivindicações.

- 1 — Que se torne explícita na Constituição do nosso país a referência à origem étnica do povo brasileiro, constituído das três raças fundamentais: a indígena, a negra e a branca.
- 2 — Que torne matéria de lei, na forma de crime de lesa-pátria, o preconceito de cor e de raça.
- 3 — Que se torne matéria de lei penal o crime praticado nas bases do preceito acima, tanto nas empresas de caráter particular como nas sociedades civis e nas instituições de ordem pública e particular.
- 4 — Enquanto não for tomado gratuito o ensino em todos os graus, sejam admitidos brasileiros negros, como pensionistas do Estado, em todos os estabelecimentos particulares e oficiais de ensino secundário e superior do país, inclusive nos estabelecimentos militares.
- 5 — Insenção de impostos e taxas, tanto federais como estaduais e municipais, a todos os brasileiros que desejarem se estabelecer com qualquer ramo comercial, industrial e agrícola, com o capital não superior a Cr\$ 20.000,00.
- 6 — Considerar como problema urgente a adoção de medidas governamentais visando a elevação do nível econômico, cultural e social dos brasileiros.

Auscultando a nossa realidade tiraremos de sua consideração o remédio necessário aos nossos males, negando atenção áqueles que querem "salvar-nos" contra as nossas tradições e contra o Brasil. Tenhamos fé, e esta fé nos indicará o caminho a seguir. Sejamos, cada um de nós, um obreiro desta reação contra o sonhecimento dos direitos sagrados do negro e da efetivação dos mesmos; seja cada qual um soldado contra a decadência de nossos costumes, contra a ignorância e protúvia dos preconceitos existentes, embora muitos o queiram negar. Sobretudo, mais que tudo, contra a negação do que ha feito, pode fazer e quer ainda fazer o nosso sangue, cujo valor foi demonstrado nas artes, nas ciências, na política e na guerra pela identidade do seu destino com o da própria nacionalidade.

São Paulo, novembro de 1945.

Dr. Abdias do Nascimento - Dr. Francisco Lucrecio - Tenente Francisco das Chagas Printes - Prof. Geraldo Campos de Oliveira - Dr. Salatiel de Campos - Prof. Luiz Lobato - Dr. José Bento Angelo Abatayguara - Sebastião Rodrigues Alves - Dr. Aquinaldo de Oliveira Camargo - Prof. Manuel Vieira de Andrade - Nestor Borges - José Habler - David Soares - Sinalva Silva - Dr. José Pompilho da Hora - Paulo Morgis - Profa. Sofia Campos Teixeira - Prof. Sebastião Batista Ramos - Benedito Custodio de Almeida - Emilio Silva Araujo - Cilia Ambrosio - Geraldo de Sousa - Mario Vaz Costa - Pedro Paulo Barbosa - Alfredo Sutherland White - Dr. Ernani Martins Silva - René Rossi - José Soares.

Edifício Martinelli - 23.º andar - Sala, 2356 - Fone: 3-7779

Imagem 2: Fac simile de o Manifesto à Nação

O TEN publicou os livros *Relações de raça* (1950), *Drama para negros e Prólogo para brancos* (1961), *Teatro Experimental do Negro – Testemunhos* (1966) e, por fim, *O negro revoltado* (1968). Foram muitos processos educativos, artístico-culturais e lutas políticas que resultaram em atividades públicas e publicações, baseadas na experiência do TEN. Em 1968, com a publicação de *O Negro Revoltado*, com uma introdução na qual resume suas experiências na arte e no ativismo, com grande destaque para as ideias e teses apresentadas no I Congresso do Negro Brasileiro, Abdias sistematiza as atividades e polêmicas das quais o grupo TEN havia participado até então, e contém, com grande ênfase, críticas à ideia de democracia racial e à positividade do branqueamento. Outro aspecto relevante dessa publicação: o reconhecimento e a valorização da *negritude*,²⁶ em que se alinham ideias de lideranças locais e estrangeiras, integrando-as a uma rede de resistência internacional, na conjuntura transnacional do que se concebe como o pan-africanismo.

Em síntese, a experiência do TEN estabeleceu eixos de trabalho que certamente posicionam a sua atuação num amplo movimento cultural, social e político, em torno dos interesses da construção de uma cidadania digna para os negros. Em seu escopo e atuação, lutou para inserção e reconhecimento de artistas e técnicos negros na indústria cultural brasileira. O trabalho baseado na pesquisa e na encenação teatral trouxe à tona autores nacionais e estrangeiros, principalmente negros, bem como artistas

²⁶ “A Negritude, na sua fase moderna mais conhecida, é liderada por Aimé Césaire e Leopoldo Sédar Senghor, mas tem seus antecedentes seculares, como Chico-Rei, Toussaint Louverture, Luís Gama, José do Patrocínio, Cruz e Souza, Lima Barreto, Yomo Kenyata, Lumumba, Sekou Touré, Nkrumah e muitos outros. Trata-se da assunção do negro ao seu protagonismo histórico, uma ótica e uma sensibilidade conforme uma situação existencial, e cujas raízes mergulham no chão histórico-cultural. Raízes emergentes da própria condição de raça espoliada. Os valores da Negritude serão assim eternos, perenes ou permanentes, na medida em que for eterna perene ou permanente a raça humana e seus sub-produtos histórico-culturais.” (Nascimento, 1968, pp. 50-51)

comprometidos com esses temas, na cena teatral, primeiro, no Rio de Janeiro e, posteriormente, em São Paulo. O TEN formou e consolidou uma geração de atores e atrizes negras, reagindo e se posicionando contra o *blackface* e, sobretudo, destacando papéis que radicalizaram estereótipos cômicos e humilhantes.

Assim, nomes como o próprio Abdias Nascimento, Aguinaldo Camargo, Ruth Souza, Haroldo Costa, Léa Garcia, Cléa Simões, Zeni Pereira, entre outros, tornaram-se atores e atrizes afrodescendentes de teatro e cinema. O TEN funcionou também como espaço unificador, esteve inclusive ligado a outros artistas como o poeta Solano Trindade, o ator Grande Otelo, o pintor Heitor dos Prazeres, a bailarina Mercedes Batista, o babalorixá Joãozinho da Gomeia e o diretor de orquestra Abigail Moura, quer nas obras representadas nos prestigiados palcos do Rio de Janeiro, ou nos eventos promovidos e que fizeram com que o pensamento negro fosse constantemente mencionado na imprensa, a despeito do racismo estrutural que permanentemente desconfia e subjuga talentos.

No campo das artes visuais, o TEN aprovou durante o I Congresso do Negro Brasileiro, em 1950, da criação do Museu de Arte Negra – MAN, que, primeiramente, passou a constituir um acervo de artes plásticas (pintura, escultura, gravura, desenho, etc.). Posteriormente, durante o 36º Congresso Eucarístico Internacional, da Igreja Católica, no Rio de Janeiro, em 1955, lançou o concurso do Cristo Negro, que teve grande repercussão, polêmica e contou com a participação de vários artistas que buscavam representações ousadas, políticas e tradicionais do Cristo, com a pele escura, em uma provocação plástico-política inédita. E em 1968, sob a curadoria de Abdias

Nascimento, houve a realização de exposição única do acervo do MAN, no Museu da Imagem e do Som - MIS-RJ, com obras de Tunga, Santa Rosa, Walter Lewy, Livia Abramo, Carlos Scliar, Januário, Heitor dos Prazeres, Yeda Maria, Israel Pedrosa, Ivan Serpa e outros artistas.

Ainda na década de 50, o TEN chegou à TV e, conseqüentemente, inaugurou, mesmo que timidamente, uma teledramaturgia negra, primeiro na TV Tupi e, posteriormente na TV Rio. Por fim, foi desenvolvida uma "versão paulista" do Teatro Experimental do Negro, sob direção de Geraldo Campos de Oliveira, um velho amigo de Abdias Nascimento que juntos organizaram o I Congresso Afro-Brasileiro, em Campinas –SP, em 1938. Entre os nomes que saíram desta filial paulista, dois nomes muito importantes para o teatro e, sobretudo, para o repertório televisivo: Jacira Sampaio e Samuel Santos, que viveram os personagens de Tia Anastácia e Tio Barnabé, na primeira versão de *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, baseada na obra de Monteiro Lobato, para a TV Globo.

Em 1968, Abdias Nascimento viajou para Nova York, nos Estados Unidos, com bolsa da *Fairfield Foundation*, para conhecer as atividades políticas, sociais e culturais dos negros americanos. Sua permanência naquele país durou até 1981, onde trabalhou, principalmente, como professor universitário na State University of New York (SUNY Buffalo), e desenvolveu uma carreira na pintura, quando retornou ao Brasil e aqui se estabeleceu até sua morte, em 2011. Se ao sair do Brasil Abdias já havia registrado sua atenção e sua visão subjetiva do pan-africanismo, naquele momento começou a estabelecer relações diretas com expoentes de movimentos artísticos e políticos norte-

americanos, diretamente ligados ao *Black Power*²⁷ e, sobretudo, ao *Black Arts Movement* (BAM),²⁸ que passou a dialogar com sua pintura. Além disso, nesse período viajou para a África, como professor visitante na Universidade de Ilê Ifé (atual *Obafemi Awolowo University*), em Ifé, na Nigéria, e amargou as consequências de uma interdição que sofreu por parte do governo ditatorial brasileiro durante o FESTAC – Segundo Festival Mundial Negro e Africano de Artes e Cultura -, em Lagos, em Setembro de 1977, um dos maiores festivais artísticos e culturais do povo africano, promovido pela UNESCO e pelo Governo Nigeriano, depois das guerras de libertação e das diásporas.

Em 1980, Abdias publicou *O quilombismo: Documentos de uma militância pan-africanista*, obra densa que sintetiza essa profunda experiência de arte afrodiaspórica e de ativismo político.²⁹ É uma publicação que reúne textos escritos e divulgados em diferentes contextos, cujo eixo estrutural é a denúncia do racismo e das formas de articulação da supremacia branca, passando para reflexões profundas sobre os processos históricos de opressão e de luta pela libertação negra, a partir de uma abordagem pan-africanista. E é aqui que o autor coloca estrategicamente o Brasil neste

²⁷ O termo Black Power é muito complexo. Stokely Carmichael e Charles V. Hamilton, dois de seus organizadores, definem-no assim: “É um apelo aos negros deste país para se unirem, reconhecerem a sua herança e construir um sentido de comunidade. É um apelo para que os negros comecem a definir os seus próprios objetivos, liderando as suas próprias organizações e apoiando-as. É um apelo à rejeição das instituições e valores racistas desta sociedade” (Carmichael e Hamilton, 1967, p. 44).

²⁸ Para Larry Neal, um de seus expoentes que conceituou a expressão, o Black Arts Movement assim definido: “Este movimento é irmão estético e espiritual do conceito de Black Power. Como tal, ele concebe uma arte que atende diretamente às necessidades e aspirações da América Negra. Para cumprir esta tarefa, o Movimento das Artes Negras propõe uma reordenação radical da estética cultural ocidental. Propõe um simbolismo, mitologia, crítica e iconologia separados. As Artes Negras e o conceito de Poder Negro estão amplamente relacionados ao desejo dos afro-americanos de autodeterminação e nacionalidade. Ambos os conceitos são nacionalistas. Uma trata da relação entre arte e política; o outro, da arte da política” (Neal, 1968, p. 28).

²⁹ Outras publicações de Abdias Nascimento, durante seu autoexílio: *Racial Democracy in Brazil: Myth of Reality*, trad. Elisa Larkin Nascimento. Ilê Ifé: Universidade de Ilê Ifé, 1976 (1ª edição), *Racial Democracy in Brazil: Myth of Reality*, trad. Elisa Larkin Nascimento. Ibadan: Sketch Publishers, 1977 (2ª edição), *Mixture or Massacre*. trad. Elisa Larkin Nascimento. Búfalo: Afrodiaspora, 1979, *Sortilégio II: Mistério negro de Zumbi redivivo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

paradigma internacional, onde convergem luta e pensamento. Abdias levanta propostas sociopolíticas para melhorar a vida da população negra, reafirmando seus compromissos, desde o TEN, com o que se entende como políticas afirmativas. Também apresenta ideias e conceitos sobre africanidade, fortemente influenciados por Cheikh Anta Diop e outros pensadores. Enfatiza um ponto de vista sobre história e cultura que mais tarde seria chamado de multiculturalismo (Shoat e Stam, 2006), destaca a resistência política e cultural dos povos negros e destaca questões de gênero, em que seu foco nas mulheres negras antecipa o que entendemos hoje como interseccionalidade.

Abdias desenvolveu seu estilo próprio em pintura durante a permanência nos Estados Unidos. Com foco nas representações sobre orixás, suas telas apresentam uma ampla gama de composições e incluem colagens, figurações diversas e aproximações com o campo da abstração. Resumidamente, há aspectos estético-políticos que se alinhavam a sua relação com o campo artístico que é indissociável da luta social. Kimberly Cleveland (2013) escrutina as referências afro-brasileiras na iconografia dos orixás e faz uma importante aproximação entre Abdias e Jeff Donaldson, pintor do grupo AfriCobra. Esse coletivo trabalhou para criar uma

[...] arte socialmente responsável, com seu próprio conjunto de paradigmas estéticos. Tanto a estética quanto a inclusão de símbolos, como o *ankh*, foram estabelecidos em formas africanas. Era o caminho deles para transmitir uma sensação de “Negritude” em seu trabalho. (Cleveland, 2013, p. 61).

No texto curatorial da exposição *Abdias Nascimento: Um Espírito Libertador* é destacada a representação dos orixás Exu, Iemanjá, Ogum, Oxossi e Xangô, traduzidos visualmente por procedimentos formais que remetem às conexões com representações mais humanizadas até o encontro com elementos mais abstratos, com intensidade de cores, contornos e trabalho destacado com a superfície. Em sua pintura, também é possível observar a atenção aos expedientes das insurgências negras norte-americanas, com o “uso de bandeiras como ícones das nações, os três punhos cerrados característicos do movimento das Panteras Negras e o símbolo de paz e amor chamam a atenção e conferem outra camada interessante à sua produção.” (La Barra e Fonseca, 2019, pp. 1-2). Assim, nesse recorte curatorial, podemos perceber a atenção aos aspectos particulares da ancestralidade africana que se incorporaram nos trabalhos, bem como a influência do entorno, no caso, os movimentos sociais negros e latinos norteamericanos.

Portanto, o período do autoexílio nos Estados Unidos indica a permanência com a preocupação em alinhar política e arte, porém em chaves diferenciadas, partindo-se da hipótese de que os movimentos sociais, políticos e artísticos do *Black Power* e *Black Arts Movement*, as vivências, demandas e acontecimentos relacionados aos lationamericanos e, em particular, aos porto-riquenhos, nos Estados Unidos, e o pan-africanismo que se estendeu por países africanos tiveram impacto em sua produção e, reciprocamente, sua presença e atuação também influenciaram esses movimentos. A tela incorporada ao acervo do MASP é de 1970: ela não estava presente na retrospectiva de Niterói, mas integrava essa linhagem de composição por bandeiras,

promovendo um desvio de seu eixo, para a verticalidade, instaurando uma leitura ancestral-africana, por meio de Oxossi que, com sua flecha, passa a organizar o símbolo nacional. Também em 1970, Abdias faz movimento similar, com a bandeira estadunidense, em que a tela *Xangô sobre* (1970) institui o machado negro de Xangô para definir e se sobrepôr à figuração branca, vermelho e azul, com suas listras e estrelas.

As lutas sociais, o espírito coletivo e o museus

Durante a viagem do grupo Santa Hermandad Orquídea³⁰ pela América do Sul, em Lima, nos anos 1930, Abdias ficou impactado negativamente ao ver o ator branco argentino Hugo D'Evieri, do Teatro Del Pueblo, de Buenos Aires, ter seu rosto brocado de preto (*blackface*) para interpretar o papel principal do espetáculo *O imperador Jones*, de Eugene O'Neill, no Teatro Municipal de Lima. Foi a partir dali que se deu seu engajamento com o teatro. Em seguida, passou uma temporada na Argentina, onde pôde estudar e aprofundar-se em teatro. Quando retornou ao Brasil foi preso e no cárcere participou da iniciativa pioneira do Teatro do Sentenciado, no Carandiru, em São Paulo. Livre, buscou em vão apoio do então Secretário da Cultura de São Paulo, Mário de Andrade, para a realização de seu projeto do Teatro Experimental do Negro, que só veio a se concretizar no Rio de Janeiro e em 2024 completa 80 anos de seu surgimento. Muitas décadas depois, o *blackface* ressurgiu na Avenida Paulista e, desta vez, Abdias Nascimento já era um nome, tinha uma obra e já não estava entre os vivos.

³⁰ O grupo era formado por seis poetas e artistas: os argentinos Godofredo Iommi, Efraín Tomás Bó e Raúl Young; e os brasileiros Gerardo Mello Mourão, Napoleão Lopes Filho e Abdias Nascimento.

Ele era uma imagem, em uma das ações do ItaúCultural para promover discussões públicas sobre racismo, na arte e na política. Desse modo, em um contexto já assinalado pela emergência de circuitos de diversidade, Abdias Nascimento parece corresponder a essa demanda. Sintomaticamente, presentes na mesma exposição *Histórias brasileiras* suas obras e as imagens indígenas e do MST parecem despertar reações bem distintas. As obras de Abdias, segundo propostas curatoriais recentes, apontam para um lugar da ancestralidade, da memória e de uma imaginação afro-brasileira e seguem para serem admiradas, ao passo que as outras imagens mencionadas tendem a perturbar a calma do museu.

No Brasil, das últimas décadas, outros movimentos de afirmação do negro na cultura brasileira já apareceram, inclusive, com mais veemência. Nesses movimentos a afirmação identitária, a luta anti-racista, a construção e circulação enciclopédica do negro estão em exposições (seguidas de publicações) emblemáticas de Emanuel Araújo. A primeira delas é 'A Mão Afro-Brasileira', ocorrida no MAM-SP, em 1988, e nos termos de Silva (2020, p. 56) "proposta e organizada como um levantamento exaustivo da contribuição do afrodescendente à sociedade e cultura brasileira, proposta e organizada, repetimos, por um curador e artista negro." Outro evento marcante, no contexto dos 500 anos de Brasil, dentro do programa gigante de exposições nomeado como 'Mostra do Redescobrimento', realizou-se 'Negro de Corpo e Alma'. Em 2004, esse ilustre curador inaugurou o Museu Afro Brasil. Abdias Nascimento cruzou o século XX e XXI e circulou em importantes eventos relacionados à luta social, política e artística em favor da cidadania plena do negro (Frente Negra Brasileira, Teatro

Experimental do Negro e Movimento Negro Unificado), em escala transnacional (Pan-africanismo), inclusive parte de seus feitos e obras estão presentes nessas duas grandes exposições e no museu, que é marco da diáspora afro-brasileira.

Evidenciou-se, assim, que o nome de Abdias Nascimento atravessou o século XX e XXI em movimentos sociais, políticos e artísticos que impulsionaram a luta antirracista, inclusive parte das reivindicações que defendeu, coletivamente, se incorporaram nas agendas políticas, no contexto da Nova República, com FHC, Lula e Dilma. Assim, discursos e programas voltados para políticas afirmativas se instauraram, compondo os circuitos da diversidade, redefinindo-se pautas e programas de instituições culturais, com muita pressão popular. Assim, fica o questionamento sobre a circulação do nome e da obra de Abdias, cuja trajetória não pode ser dissociada da luta social coletiva em favor dos negros. Sua história se confunde com movimentos coletivos da negritude, cujas reivindicações e conquistas continuam dando o tom das pautas da diversidade do país, ao mesmo tempo que o legado artístico tem resultado na elaboração de propostas estéticas que refletem o repertório, a imaginação, os anseios e as aspirações coletivas do negro brasileiro. Portanto, quando chega no museu, diante das camadas que sua imagem carrega, afinal, que tipo de experiência estética se extrai? Que agenda se cumpre? Como suas pinturas, por exemplo, são expostas e com quais outros materiais elas se relacionam? São perguntas que podem nos guiar, para elaboração de análises específicas, em um percurso que nunca dissociou criação e luta social e que, portanto, colabora sistematicamente para uma visão mais plural da cultura brasileira.

Referências

Alexandre Sobrinho, G. (2023). "O legado do Teatro Experimental do Negro (TEN): lições de estética, política e comunicação", *Conceição/Conception*, 12, pp. 1-24. <https://doi.org/10.20396/conce.v12i00.8673050> (Acessado: 29 fevereiro 2024).

Cardoso, F. H. (1996). Discurso na abertura do seminário internacional - "Multiculturalismo e racismo: o papel da ação afirmativa nos estados democráticos contemporâneos". Brasília: Biblioteca da Presidência da República.

Carmichael, S. e Hamilton, C. V. (1967). *Black Power: the politics of liberation in America*. New York: Random House.

Cleveland, K. (2013). *Black Art in Brazil: Expressions of Identity*. Miami: University Press of Florida.

Domingues, P. (2007). Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, 12 (23), pp. 100–122. <https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007> (Acessado: 29 fevereiro 2024).

La Barra, P. L. de e Fonseca, R. (2019). *Abdias Nascimento: Um Espírito Libertador* Niterói: Museu de Arte Contemporânea.

Martins, L. M. M. (2023). *A cena em sombras*. São Paulo: Perspectiva.

Nascimento, A. (1968). *O negro revoltado*. Rio de Janeiro: Edições GRD.

Nascimento, A. (1980). *O quilombismo. Documentos de uma Militância Pan- africana*. 1ª edição Petrópolis: Vozes.

Neal, L. (1968). The Black Arts Movement, *Drama Review*, 12 (4) Black Theatre (Summer, 1968), pp. 28-39.

Nascimento, E. L. (2003). *O Sortilégio da Cor. Identidade, Raça e Gênero no Brasil*. São Paulo: Selo Negro.

Sobrinho, Gilberto Alexandre. *Abdias Nascimento no século XXI e o trânsito de suas obras e ideias nos circuitos da diversidade*.

dos Santos, S. A. (2014). "Ações Afirmativas nos Governos FHC e Lula: um Balanço", *Revista TOMO*. doi: 10.21669/tomo.v0i0.3185 (Acessado: 29 fevereiro 2024).

Shoat, E. e Stam, R. (2006). *Crítica da Imagem Eurocêntrica*. São Paulo: Cosac Naify.

da Silva, C. R. (2020). "The history of Afro-Brazilian art as the history of Afro-Brazilian art exhibitions", *DAT Journal*, 5 (3), pp. 52–57. doi: 10.29147/dat.v5i3.250.